

O "Collegio Internacional"

E SEUS FUNDADORES

(PRIMORDIOS DO ENSINO NORTE-AMERICANO NO BRASIL.)

Ha uma particularidade que, de inicio, dá relevo historico á fundação do *Collegio Internacional*, em Campinas, no anno de 1869 — este foi a primeira das grandes escolas estabelecidas pelos missionarios evangelicos na America do Sul.

A *Escola Americana* de São Paulo e a *Escuela Popular* de Valparaíso, fundaram-se em 1870, o *Instituto Internacional* de Santiago, de Chile, em 1873, e as demais que existem, no Brasil e em varios paizes, são de data posterior.

Assim, o grande collegio americano de Campinas é, de facto, o marco historico do contacto intellectual e espirital do elemento saxonio com o latino em nosso continente, no terreno da instrução. E' uma das componentes do pan-americanismo em seu largo aspecto social, extreme de sentido politico.

Na historia da pedagogia, no Brasil, marca tambem o instituto campineiro a era em que as idéas fecundas de Mann e a disciplina e os methodos escolares norte-americanos começaram definitivamente a influir no ensino publico e particular na America Latina.

Deve-se ao dr. Robert L. Dabney, fallecido ha alguns annos, a vinda ao Brasil de George Nash Morton e Edward Lane, pioneiros da causa evangelica nesta zona.

O dr. Dabney foi conspicua figura da comunidade evangelica nos Estados Unidos, professor de theologia em um dos mais reputados seminarios do sul, escreveu muitas obras didacticas, algumas das quaes são ainda hoje apreciados expositores de dogmatica e de rhetorica sagrada, na faculdade theologica protestante installada actualmente no *Collegio Internacional*.

Quando rebentou a guerra civil nos Estados Unidos, o dr. Dabney incorporou-se ao exercito confederado e pertenceu, como capellão e chefe do estado-maior, á celebre brigada do general Jackson, que, por sua brilhante firmeza em uma batalha renhida, sustentando com tenacidade violenta carga do inimigo, passou á historia com o nome de *Stonewall* (muralha de pedra).

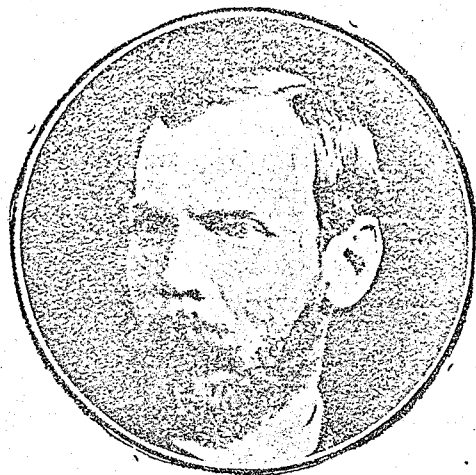
Terminada a guerra, uma colonia americana de sulistas emigrou para o Brasil, originando-se d'ahi o estabelecimento dos grupos de norte-americanos em Santa Barbara, bem como em outras localidades. Alguns ministros evangelicos, que serviam de pastores aos emigrados, vieram para aqui, afim de dar os soccorros da religião aos colonos acatholicos.

Encontra-se, na localização dos emigrados norte-americanos, no municipio de Campinas, o elemento de suggestão que determinou a escolha desta cidade para séde da nova missão da Igreja Presbyteriana dos Estados Unidos — sulista, quando em 67, ou 68, o dr. Roberto L. Dabney agitou no concilio superior (Assembléa Geral) a idéa de fazer sua igreja propaganda no Brasil.

Até o inicio da guerra civil as associações missionarias nos Estados Unidos tinham geralmente suas missões em commum. Mas o estado bellico impediu que por varios annos se reunissem os judicatorios ecclesiasticos, com representantes de ambos os elementos em armas, d'isso resultando que os concilios ecclesiasticos organizaram sua administração independentemente.

Assim, o organ administrativo das missões, no sul dos Estados Unidos, o *Committee of Foreign Missions* da Igreja Presbyteriana, recebeu a suggestão do dr. Robert L. Dabney para o effeito de enviarem-se missionarios ao Brasil, na zona em que a amenidade do clima tornava possivel o estabelecimento de uma escola, sob a protecção de leis liberaes e sob um regimen de tolerancia religiosa, como o que tornou illustre no estrangeiro o nome de D. Pedro II.

(Extraído da "Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas" nº 44 e 45, de 30-09 e 31-12-1916, Ano XV, Fascículos III e IV. — Tipografia Casa Genoud — Campinas, SP)



GEORGE N. MORTON

Primeiro foi enviado ao Brasil o rev. George Nash Morton, para estudar o paiz, regressando aos Estados Unidos em Novembro de 1868. A Morton deve-se a escolha definitiva de Campinas para séde da missão no sul do Brasil. A 22 de Junho de 1869, embarcou em Baltimore com destino a esta cidade Mr. Morton e Mr. Edward Lane, chegando em Setembro a Campinas.

George Nash Morton era oriundo de familia antiga e aristocratica do Estado de Virginia, onde se encontram as tradições mais cavalheirescas dos Estados Unidos. Isso explica satisfatoriamente, a par de uma cultura scientifica invejavel, como lhe assentavam qualidades fascinadoras e como um estrangeiro chegou a captar rapidamente o affecto e a confiança de quantos d'elle se aproximaram.

Edward Lane era irlandez de origem, e de predicados notaveis, força de vontade, perspicacia e virtudes que ainda hoje fazem suave a memoria de um dos homens mais emprehendedores que têm habitado esta cidade.

Tendo recursos proprios, elle aqui empregou os pequenos cabedaes de sua familia, radicando-se, assim, na terra onde veio trabalhar.

E em sua vizinhança, não houve plano de melhoramentos, nem serviço

publico que sollicitasse a boa vontade dos cidadãos, a que Edward Lane não prestasse logo concurso. O prolongamento da antiga linha de bonds para o Guanabara contou nelle um dos grandes propugnadores. Tinha Lane o condão de fazer-se apreciar e estimar pelos homens de maior representação e prestigio, em todos os logares que frequentava, tanto como nesta cidade onde residia.

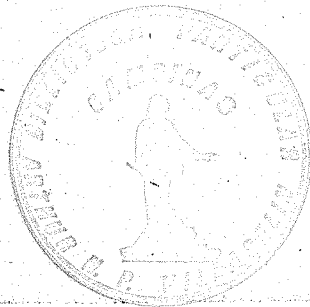
Sua figura conspicua, seu espirito energico e a posição que occupava, como decano da missão de Campinas, concorreram para tornal-o muito mais conhecido e popular que outros seus companheiros.

Não tinha, porém, o *padre* Lane como programma especifico de seu trabalho a direcção do *Collegio Internacional*, nem parte no ensino, a não ser na regencia de aulas de theologia, em que se formaram alguns dos continuadores brasileiros de sua obra de propaganda evangelica. De seus discipulos, o mais notavel é indubitavelmente revmo. Alvaro Emygdio Gonçalves dos Reis, actual pastor da principal igreja do Rio de Janeiro.

Em muitas localidades do interior do Estado, encontram-se os vestigios de Edward Lane, um dos grandes propagandistas do Evangelismo no interior do Brasil.

Em sua communitade, o dr. Edward Lane occupou saliente posição, sendo eleito *vice-moderador* (vice-presidente) do concilio superior em 1888, por occasião de organizar-se o Synodo Geral de sua igreja no Brasil. Cumpriu-lhe, por morte do dr. A. L. Blackford, abrir a segunda reunião do concilio em 1891.

Em fins de Março de 1892, em S. Paulo correu a noticia de que o dr. Edward Lane agonizava em Campinas. Veiu apressadamente visital-o seu homonymo o illustre educador e clinico dr. H. M. Lane, fundador do *Mackenzie College*, de S. Paulo. A 26 de Março de 1892, cessou Edward Lane seus labores, victimado por febre amarella.



EDWARD LANE

Foi no *Collegio Internacional* a terceira victima do morbo que devastou esta cidade.

Em 1889, o rev. G. W. Thompson, que aqui viera de Bagagem, para tratar dos que haviam enfermado, fallecera dentro de poucos dias. Em 1890, caíra o sobrinho do dr. Robert L. Dabney, rev. John W. Dabney, que em 1879 succedera a George N. Morton na direcção do collegio.

* * *

Entre as mais vividas e remotas recordações da infancia, ressaltam em meu espirito a lembrança de uma recepção dada no *Collegio Morton* em S. Paulo, e de um serviço religioso profundamente emocionante em que o notavel mestre expoz os horrores da perseguição soffrida pelos hebreus na Russia.

Devia ser por volta de 1880, ou 81.

Era, para mim, uma delicia quando meu Pae, J. R. Carvalho Braga, então professor do *Collegio Morton*, me levava á chacara da Consolação onde, junto á antiga egreja, fôra magnificamente installada a notável escola.

Como e por que George Nash Morton deixou a direcção do *Collegio Internacional*, em Campinas, é um ponto para mim obscuro. E' de suppor que divergencias, quanto aos planos de di-

recção escolar e quanto ao regimen religioso da escola, determinaram a exoneração de Morton. Da planta original do *Collegio*, que dava ao edificio tres vezes as dimensões actuaes, no mesmo estilo de architectura, desprehe-se que George Nash Morton havia «riscado largo». Isso mesmo se desprehe de certas publicações na *Provincia de S. Paulo*, em Novembro de 1879.

* * *

Abertas as aulas do *Collegio Internacional* em 1870, já em 1871 Edward Lane fazia rapida viagem aos Estados Unidos, regressando logo em companhia de sua esposa e deixando combinadas as nomeações de professoras que vieram estabelecer a escola de meninas, *misses* Nannie Henderson, de saudosa memoria, e Mary Videau Kirk, chegadas ao Brasil em 1872.

Dez annos depois, 1882 *miss* Charlotte Kemper, uma das professoras mais illustradas que têm trabalhado no Brasil, vinha estabelecer-se na secção feminina do *Collegio Internacional*. Ainda vive, em Lavras, a veneranda senhora.

Basta encontrar um dos antigos alumnos de Morton, e falar-lhe dos tempos aureos do grande estabelecimento campineiro, e ter-se-á a medida da influencia que aquelle homem exercia sobre o discipulos.

Em um curioso volume, em que se acham os trabalhos literarios de alumnos e professores do *Internacional*, entre 76 e 77, vê-se como, nas associações collegiaes, nas festas escolares, no convivio intimo de professores e alumnos, formava-se então aquelle espirito de escola, tão notavel em outras terras e quasi inteiramente desconhecido em nosso ambiente.

A apresentação dos *Ensaíos Literarios*, do *Collegio Internacional*, foi feita em Janeiro de 1876 por F. Rangel Pestana, o grande jornalista republicano. Entre outros escriptos, em prosa e verso, destacam-se alguns com as assignaturas de Antonio Bittencourt, Alonso G. Fonseca, Orosimbo Amaral e Heliodoro Costa.



O que era a alma e o ambiente do *Collegio Internacional*, sob a direcção de Morton, dizia-o Rangel Pestana:

«Penso desassombrado no futuro da provincia de S. Paulo, todas as vezes que assisto a uma festa no *Collegio Internacional*, de Campinas; parece que minha alma rasga para si propria novos horizontes, e, d'ahi, eu meço o porte respeitavel dos homens que hão de succeder aos enfezados politicos do presente.»

Alguns nomes em evidencia, na vida social e politica do paiz e de S. Paulo, justificam, ao menos em parte, as sanguineas palavras do velho republicano. Na década de 70 a 80 foi consideravel o numero de estudantes paulistas, da zona do Oeste, que foram aos Estados Unidos, provavelmente mediante facilidades e estimulo dados pelo *Internacional*. As folhas de época registam a partida dos que saiam de Campinas para a America do Norte, com o intuito de lá completarem a educação.

Lendo-se as considerações introductorias aos prospectos do collegio, percebe-se que Morton manteve com o meio inerte e com a desorganização official do ensino, ou antes com o systema de exames então vigente, uma tenaz lucha. No de 1877, deparam-se-nos os seguintes paragrafos:

«Após quatro annos e meio de dura experiencia, convenceu-se o director de que é impossivel combinar um curso de estudos liberal, aprofundado e progressivo com o actual systema de exames. *Emquanto não houver modificação de tal systema, os collegios particulares ficam condemnados a ensinar unicamente as materias exigidas nas academias — e isso superficialmente.*»

O grande educador diagnosticou magistralmente o mal da espinha de nosso systema escolar. E ainda estamos, em principio, no mesmo em que estavamos ha 39 annos! Ainda os *clientes* da instrucção preparatoria preferem a uma educação liberal, o preparo super-

ficial e minimo para os exames exigidos pelas academias, e o poder publico, em nome de economias forçadas, cerceia os beneficios do curso gymnasial.

Annos após, conversando com um brasileiro em New York, Morton, ao ouvir que no Brasil havia gymnasios e que os collegios particulares eram reconhecidos por lei, referia-se com pesar ás luctas que mantivera, em plano superior, com o governo central para a consecução desse privilegio.

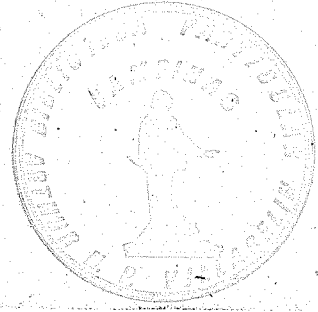
O programma primitivo de Morton visava, graduando cuidadosamente os cursos e fazendo-os telescopicos, crear em Campinas o primeiro estabelecimento de typo universitario no Brasil. A cousa funcionou bem até o fim do curso secundario. A cupidez utilitaria, a carreira desesperada pelo ganha-pão e a pressa de ficar *doutor*, até o presente tão caracteristicas de nosso meio escolar, impossibilitaram a Morton a realização de seu sonho.

Sua transferencia para S. Paulo foi um méro episodio no desenvolvimento desse programma. Mas o proprio exito de seu ensino produziu-lhe a mais amarga desillusão — os melhores alumnos, depois de obter distinctamente a *minima* exigida pelas academias officiaes, abandonavam-lhe o curso complementar de educação liberal e corriam em pós do ambicionado diploma de bacharel, sem desejar o beneficio melhor de um preparo fundamental, mais largo e mais solido.

Comparem os entendidos com os actuaes programmas de preparatorios e de ensino gymnasial o programma de Morton, que damos a seguir.

Os cursos elementar e intermediario estavam distribuidos em quatro escolas, admiravelmente graduadas e progressivas. A primeira subdividia-se em quatro *fórm*as, correspondendo á *grammar school* americana. As tres escolas seguintes comprehendiam o ensino das materias propedeuticas, incluindo o alemão, o grego e as mathematicas.

O curso superior seria de cinco annos, desenvolvendo o estudo de linguas



gradativamente no das varias literaturas, introduzindo o estudo de sciencias physicas e naturaes, philosophia, apologia do Christianismo, economia politica, chimica agricola, historia da philosophia e da civilização, direito publico e hebraico (facultativo). As mathematicas superiores incluíam a geometria analytica, descriptiva, calculo e astronomia.

Morton, homem de admiravel cultura moral e intellectual, era um grande technico em pedagogia, mas idealista. Por isso mesmo não era grande administrador.

Máus negocios, complicações com uma companhia, que entrou em crise entre 82 e 84, levaram-n'o a uma liquidação desastrosa de seu collegio em S. Paulo e consequente retirada para os Estados Unidos.

* * *

Transferido a capital, George Nash Morton encontrara na *Provincia de S. Paulo* um vehiculo para idéas favoritas.

Ali publicou elle, a 14 de Novembro de 1879, suas despedidas a Campinas, agradecendo o acolhimento que este povo hospitaleiro dera, havia dez annos, a um moço estrangeiro, propagandista de uma religião diversa da generalidade do povo. Então, retirava-se para S. Paulo: perdera a mocidade; em religião continuava o mesmo que sempre fôra, mas o estrangeiro consubstanciava-se com a terra amiga que o acolhera e o absorvera.

O *Collegio Morton* abriu as respectivas aulas em S. Paulo a 7 de Janeiro de 1880. Seu fundador sonhava transformal-o em uma escola superior de philosophia e letras. Em série de artigos brilhantes, a *Provincia*, de Rangel Pestana, expunha ao publico em termos encomiasticos os grandes planos do educador americano.

Em 2 de Fevereiro de 1880, num *communicado* á *Provincia*, Morton apresentava ao elemento culto de S. Paulo uma critica do *Positivismo*, que então attrahia e fascinava os intellectuaes. Logo, a 3, Americo de Campos respon-

dia com um artigo pugnaz, e, dias depois, travou-se uma interessante polemica entre Morton e o dr. Luiz Pereira Barreto, o mais bravo campeão do *comtismo*.

A discussão interessou vivamente o elemento culto da sociedade paulistana.

Espirito delicado, Morton era respeitador das convicções alheias e tolerante; mas nunca deixou de manter, com franqueza e sem tergiversações, seus principios religiosos. Frequentava o pulpito da igreja, que então celebrava o culto na sala principal da *Escola Americana*, e não dissimulou jámais as côres de sua bandeira religiosa.

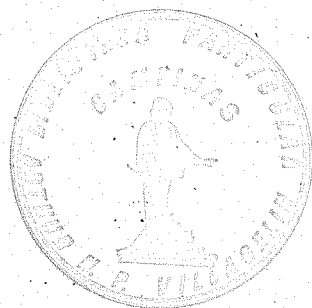
* * *

A ultima noticia certa de George Nash Morton, que ha. é a de uma carta do dr. J. C. Alves de Lima, escripta de New-York, a 2 de Junho de 1907, e publicada no *Diario Popular*, de S. Paulo, de 10 de Julho do mesmo anno.

Numa festa da sociedade academica *Zeta Psi*, no *Hotel Astor*, nosso patricio, ao banquete, sentou-se, por acaso, junto de um genro de Morton. Assim, descobriu elle a residencia do velho professor á 93 rd. W. St. n.º 44, onde vivia Morton, bem conservado e no pleno goso de suas faculdades mentaes, operoso, em companhia da esposa e duas filhas.

Ao dr. Alves de Lima pediu novas da familia do finado Antonio Augusto da Fonseca, da familia Ralston. Ignorava ainda o passamento de Rangel Pestana e de Americo Brasiliense. Disse que, em seu tempo, considerava a Campos Salles como o *homem mais forte* do grupo de republicanos de Campinas. Referiu-se a duas senhoras de destaque em S. Paulo, d. Veridiana Prado, em cuja chacara elle tivera collegio, e d. Maria Antonia, filha do barão de Antonina, a primeira dama da aristocracia paulistana que se filiou á igreja evangelica.

Na mesma carta, o dr. J. G. Alves de Lima contava que Morton havia, num discurso pronunciado no banquete offerecido ao almirante Bacellar, na agen-



cia do *Lloyd*, em New York, feito referências a Prudente de Moraes, Campos Salles, Francisco Glycerio, José Maria Lisboa e outros.

Do Brasil e dos brasileiros guardava o velho pedagogo saudosas recordações, e suas filhas mostravam desejo de conhecer o paiz em que nasceram.

Posteriormente, houve noticia vaga de que, não obstante alquebrado, continuava em trabalho o propagandista da educação liberal no Brasil.

Ha cerca de dous annos, informes exactos davam conta do fallecimento da viuva Edward Lane, nos Estados Unidos, sobrevivendo-lhe seu filho Edward, que mantem ainda intenções de vir á cidade natal, e guardam-se na bibliotheca da Faculdade de Theologia volumes que pertenceram a seu venerando pae, esperando que o filho os reclame como preciosas reliquias.

Além de umas lapides funerarias, de umas personagens longinquas, que a distancia e o tempo circumdaram de nevoas, subsistem, como suaves e preciosas lembranças desses homens admiraveis, que aqui andaram labutando, o halo de seus caracteres, os idéaes que elles accenderam na alma de muitos discipulos.

E homenagem maior se lhes pôde prestar que essas — como no livro de visitas escrevem, com os olhos envidrados pelas saudades de uma adolescencia que não volta — os antigos alumnos do collegio que o revêm. Permitta-se uma piedosa indiscreção, e sobre a assignatura do senador José Pereira de Queiroz, lerá quem visitar o antigo prédio da escola tradicional, estas palavras significativas :

« Que emoção me causa esta visita ! Quanta saudade ella me evoca, de mais de quarenta annos ! Aqui comecei a cultura de meu espirito. D'aqui levei os alicerces de meu character. Para tudo tanto concorreu G. N. Morton, — protótypo do educador. »

ERASMO BRAGA.



TRAVESSA JORGE NORTON

Há uma particularidade que, de início, dá relevo histórico à fundação do "Colégio Internacional", em Campinas, no ano de 1869 - este foi a primeira das grandes escolas estabelecidas pelos missionários evangélicos na América do Sul.

Deve-se ao dr. Robert L. Dabney, falecido há alguns anos, a vinda ao Brasil de George Nash Morton e Edward Lane, pioneiros da causa evangélica nesta zona.

Primeiro foi enviado ao Brasil o rev. George Nash Morton, para estudar o país, regressando aos Estados Unidos em Novembro de 1868. A Morton deve-se a escolha definitiva de Campinas para sede da missão no sul do Brasil. A 22 de junho de 1869, embarcou em Baltimore com destino a esta cidade Mr. Morton e Mr. Edward Lane, chegando em setembro a Campinas.

George Nash Morton era oriundo de família antiga e aristocrática do Estado de Virginia, onde se encontram as tradições mais cavalheirescas dos Estados Unidos. Isso explica satisfatoriamente, a par de uma cultura científica invejável, como lhe assentavam qualidades fascinadoras e como um estrangeiro chegou a captar rapidamente o afeto e a confiança de quantos dele se aproximaram.

2

2

2

Entre as mais vividas e remotas recordações da infância, ressaltam em meu espírito a lembrança de uma recepção dada no "Colégio Morton", em São Paulo, e de um serviço religioso profundamente emocionante em que o notável mestre expôs os horrores da perseguição sofrida pelos hebreus na Rússia.

Devia ser por volta de 1880 ou 81.

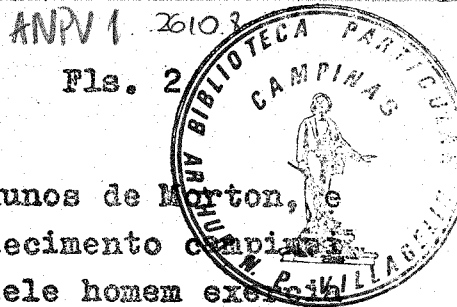
Era, para mim, uma delícia quando meu pai, J. R. Carvalho Braga, então professor do "Colégio Morton", me levava à chácara da Consolação onde, junto à antiga igreja, fôra magnificamente instalada a notável escola.

Como e porque George Nash Morton deixou a direção do "Colégio Internacional", em Campinas, é um ponto para mim obscuro. É de supor que divergências, quanto aos planos de direção e quanto ao regime religioso da escola, determinaram a exoneração de Morton. Da planta original do "Colégio", que dava ao edificio três vezes as dimensões atuais, no mesmo estilo de arquitetura, depreende-se que George Nash Morton havia "riscado" largo. Isso mesmo se depreende de certas publicações na "Provincia de S. Paulo", em novembro de 1879.

2

2

2



Basta encontrar-se um dos antigos alunos de Morton, e falar-lhe dos tempos áureos do grande estabelecimento campineiro, e ter-se-á a medida da influência que aquele homem exerceu sobre os discípulos.

Em um curioso volume, em que se acham os trabalhos literários de alunos e professores do "Internacional", entre 76 e 77, vê-se como, nas associações colegiais, nas festas escolares, no convívio íntimo de professores e alunos, formava-se então aquele espírito de escola, tão notável em outras terras e quase inteiramente desconhecido em nosso ambiente.

A apresentação dos "Ensaio Literários", do "Colégio Internacional", foi feita em Janeiro de 1876 por F. Rangel Pestana, o grande jornalista republicano. Entre outros escritos, em prosa e verso, destacam-se alguns com as assinaturas de Antonio Bittencourt, Alonso G. Fonseca, Orosimbo Amaral e Heliodoro Costa.

O que era a alma e o ambiente do "Colégio Internacional", sob a direção de Morton, dizia-o Rangel Pestana:

"Penso desassombrado no futuro da provincia de S. Paulo, todas as vezes que assisto a uma festa no "Colégio Internacional", de Campinas; parece que minh'alma rasga para si própria novos horizontes, e, daí, eu meço o porte respeitável dos homens que hão de suceder aos enfezados políticos do presente."

Alguns nomes em evidência, na vida social e política do país e de São Paulo, justificam, ao menos em parte, as sanguineas palavras do velho republicano. Na década de 70 a 80 foi considerável o número de estudantes paulistas, da zona do Oeste, que foram aos Estados Unidos, provavelmente mediante facilidades e estímulo dados pelo "Internacional". As folhas da época registam a partida dos que saíam de Campinas para a América do Norte, com o intuito de lá completarem a educação.

Lendo-se as considerações introdutórias aos prospectos do colégio, percebe-se que Morton manteve com o meio inerte e com a desorganização oficial do ensino, ou antes com o sistema de exames então vigente, uma tenaz luta. No ano de 1877, depararam-se-nos os seguintes parágrafos:

"Após quatro anos e meio de dura experiência, convenceu-se o diretor de que é impossível combinar um curso de estudos liberal, aprofundado e progressivo com o atual sistema de exames. Enquanto não houver modificação de tal sistema, os colégios particulares ficam condenados a ensinar unicamente as matérias exigidas nas academias - e isso superficialmente".

O grande educador diagnosticou magistralmente o mal da es



Travessa Jorge Morton

pinha de nosso sistema escolar. E ainda estamos, em princípio, no mesmo em que estávamos há 39 anos! Ainda os "clientes" da instrução preparatória preferem a uma educação liberal, o preparo superficial e mínimo para os exames exigidos pelas academias, e o poder público, em nome de economias forçadas, cerceia os benefícios do curso ginasial.

Anos após, conversando com um brasileiro em New York, Morton, ao ouvir que no Brasil havia ginásios e que os colégios particulares eram reconhecidos por lei, referia-se com pesar às lutas que mantivera, em plano superior, com o governo central para a consecução desse privilégio.

O programa primitivo de Morton visava, graduando cuidadosamente os cursos e fazendo-os telescópicos, criar em Campinas o primeiro estabelecimento de tipo universitário no Brasil. A coisa funcionou bem até o fim do curso secundário. A cupidez utilitária, a carreira desesperada pelo ganha-pão e a pressa de ficar "doutor", até o presente tão características de nosso meio escolar, impossibilitaram a Morton a realização de seu sonho.

Sua transferência para São Paulo foi um mero episódio no desenvolvimento desse programa. Mas o próprio êxito de seu ensino produziu-lhe a mais amarga desilusão - os melhores alunos, depois de obter distintamente a "mínima" exigida pelas academias oficiais, abandonavam-lhe o curso complementar de educação liberal e corriam em pós do ambicionado diploma de bacharel, se desejar o benefício melhor de um preparo fundamental, mais largo e mais sólido.

Morton, homem de admirável cultura moral e intelectual, era um grande técnico em pedagogia, mas idealista. Por isso mesmo não era grande administrador.

Maus negócios, complicações com uma companhia, que entrou em crise entre 82 e 84, levaram-no a uma liquidação desastrosa de seu colégio em S. Paulo e conseqüente retirada para os Estados Unidos.

2

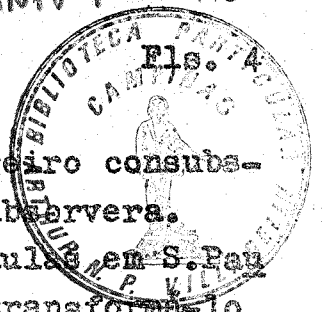
2

2

Transferido a capital, George Nash Morton encontrara na "Provincia de São Paulo" um veículo para idéias favoritas.

Ali publicou ele, a 14 de novembro de 1879, suas despedidas a Campinas, agradecendo o acolhimento que este povo hospitaleiro dera, havia dez anos, a um moço estrangeiro, propagandista de uma religião diversa da generalidade do povo. Então, retirava-se para São Paulo: perdera a mocidade; em religião continua-

Travessa Jorge Morton



va o mesmo que sempre fôra, mas o estrangeiro consubstanciava-se com a terra amiga que o acolhera e o absorvera.

O "Colégio Morton" abriu as respectivas aulas em S. Paulo, a 7 de janeiro de 1880. Seu fundador sonhava transformá-lo em uma escola superior de filosofia e letras. Em série de artigos brilhantes, a "Provincia", de Rangel Pestana, expunha ao público em termos encomiásticos os grandes planos do educador americano.

Em 2 de fevereiro de 1880, num "comunicado à Provincia", Morton apresentava ao elemento culto de S. Paulo uma crítica do "Positivismo", que então atraía e fascinava os intelectuais. Logo, a 3, Americo de Campos, respondia com um artigo pugnaz, e, dias depois, travou-se uma interessante polêmica entre Morton e o dr. Luiz Pereira Barreto, o mais bravo campeão do "contismo".

A discussão interessou vivamente o elemento culto da cidade paulistana.

Espírito delicado, Morton era respeitador das convicções alheias e tolerante; mas nunca deixou de manter, com franqueza e sem tergiversações, seus princípios religiosos. Frequentava o púlpito da igreja, que então celebrava o culto na sala principal da "Escola Americana", e não dissimulou jamais as côres de sua bandeira religiosa.

2

2

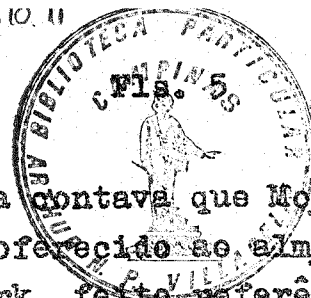
2

A última notícia certa de George Nash Morton, que há, é a de uma carta do dr. J. C. Alves de Lima, escrita de New York, a 2 de junho de 1907, e publicada no "Diário Popular", de S. Paulo, de 10 de julho do mesmo ano.

Numa festa da sociedade academica "Zeta Psi", no Hotel Astor, nosso patricio, ao banquete, sentou-se, por acaso, junto de um genro de Morton. Assim, descobriu ele a residência do velho professor à 93 rd. W. St. nº 44, onde vivia Morton, bem conservado e no pleno gozo de suas faculdades mentais, operoso, em companhia da espôsa e duas filhas.

Ao dr. Alves de Lima pediu novas da família do finado Antonio Augusto da Fonseca, da família Ralston. Ignorava ainda o passamento de Rangel Pestana e de Americo Brasiliense. Disse que, em seu tempo, considerava a Campos Sales como o "homem mais forte" do grupo de republicanos de Campinas. Referiu-se a duas senhoras de destaque em S. Paulo, d. Veridiana Prado, em cuja chácara ele tivera collegio, e d. Maria Antonia, filha do Barão de Antonina, a primeira dama da aristocracia paulistana que se filiou à igreja evangélica.

Travessa Jorge Morton



Na mesma carta, o dr. J.G. Alves de Lima contava que Morton havia, num discurso pronunciado no banquete oferecido ao almirante Bacellar, na agência do "Lloyd", em New York, feito referências à Prudente de Moraes, Campos Sales, Francisco Glicério, José Maria Lisboa e outros.

Do Brasil e dos brasileiros guardava o velho pedagogo suas recordações, e suas filhas mostravam desejo de conhecer o país em que nasceram.

Posteriormente, houve notícia vaga de que, não obstante alquebrado, continuava em trabalho o propagandista da educação liberal no Brasil.

Há cerca de dois anos, informes exatos davam conta do falecimento da viúva Edward Lane, nos Estados Unidos, sobrevivendo-lhe seu filho Edward, que mantém ainda intenções de vir à cidade natal, e guardam-se na biblioteca da Faculdade de Teologia volumes que pertenceram a seu venerando pai, esperando que o filho os reclame como preciosas relíquias.

E homenagem maior se lhes pode prestar que essas - como no livro de visitas escrevem, com os olhos envidraçados pelas saudades de uma adolescência que não volta - os antigos alunos do colégio que o revêm. Permite-se uma piedosa indiscrição, e asôbre a assinatura do senador José Pereira de Queiroz, lerá quem visitar o antigo prédio da escola tradicional, estas palavras significativas:

"Que emoção me causa esta visita! Quanta saudade ela me evoca, de mais de quarenta anos! Aqui comecei a cultura de meu espírito. Daqui levei os alicerces de meu caráter. Para tudo tanto concorreu G. N. Morton, - protótipo do educador."

(Trechos extraídos do artigo "O Colégio Internacional e Seus Fundadores", de autoria de Erasmo Braga, publicado às fls. 42 a 47, da Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas, nº 44 e 45, referente a 30 de setembro e 31 de dezembro de 1916, publicada pela Casa Genoud, em 1916, em Campinas).